

Itamar continua sem interlocutor no Congresso

BRASÍLIA — A ampla base de sustentação parlamentar do presidente em exercício, Itamar Franco, não obedece a nenhum comando no Congresso Nacional. Convidado duas vezes para assumir o papel de coordenador político do governo, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) hesita em responder. Simon contou ontem quase 15 dias desde a última vez que conversou com Itamar.

Na Câmara, os líderes de partidos não sabem quem é o interlocutor do governo. O deputado Roberto Freire (PPS-PE) seria o escolhido, mas até agora seu nome não está confirmado como líder na Câmara. "Não tenho a menor idéia de quem faz a coordenação", reagiu o líder do PDS, deputado José Luiz Maia (PI). O ministro-chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves, estuda uma forma "mais diluída" de comando, que

seria exercido por um colégio de líderes.

"Vamos aproveitar o embalo para aprovar as medidas que o povo pediu", cobrou ontem o governador de Pernambuco, Joaquim Francisco (PFL), durante uma audiência com o presidente em exercício. Dono de um dos maiores cacifes políticos dentro do governo, Joaquim Francisco assumiu temporariamente o papel de coordenador político: cruzou a Praça dos Três Poderes e foi pedir a ajuda dos presidentes da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), e do Senado, Mauro Benevides (PMDB-CE), para que apressem a votação de projetos como o ajuste fiscal e a reforma partidária, de forma que seja aprovados até o final do ano.

O governador pernambucano reconhece que Itamar enfrenta uma briga de aliados por cargos

no segundo e terceiro escalão. "Este é um governo ponte para o parlamentarismo, e a tarefa do presidente é formar uma burocracia estável", aconselhou.

"Isso não é fácil", reagiu o líder do PMDB, senador Humberto Lucena (PB). "Primeiro tem de aprovar o parlamentarismo." Lucena estimula a substituição dos funcionários que ocupam postos de confiança por nomes indicados pelos novos aliados políticos do governo. "Essas pessoas estão sob suspeita", ressalta.

Simon pretende submeter hoje à noite à bancada do PMDB no Senado o convite para assumir a coordenação política do governo. O senador admite que a tarefa de coordenador de uma base tão heterogênea de apoio parlamentar é difícil. "Este é um governo eclético, que vai exigir muita responsabilidade nossa", avalia.